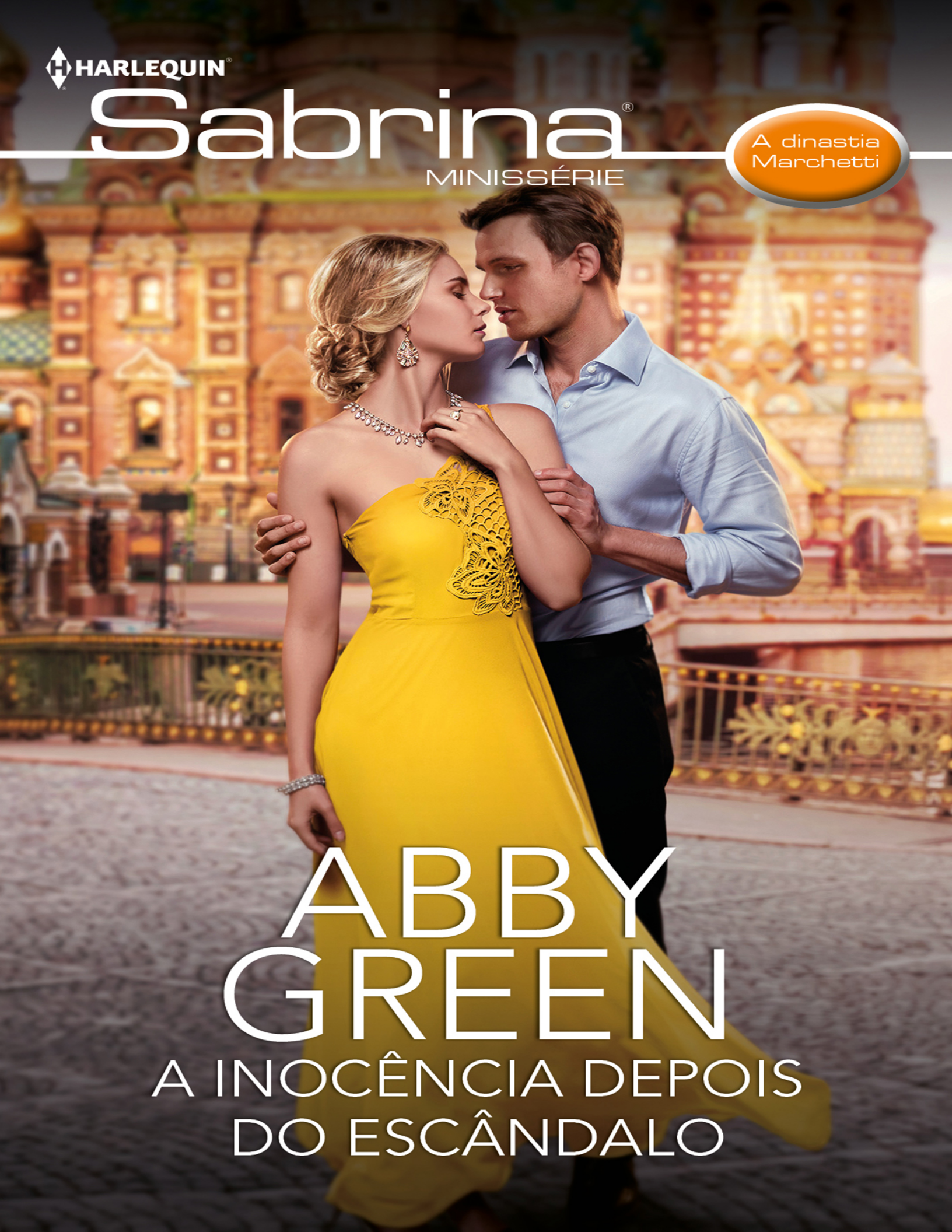


 HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE

A dinastia
Marchetti



ABBY
GREEN

A INOCÊNCIA DEPOIS
DO ESCÂNDALO

Sabrina[®] MINISSÉRIE

A INOCÊNCIA DEPOIS
DO ESCÂNDALO

Abby Green



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Abby Green
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
A inocência depois do escândalo, n.º 123
Título original: The Innocent Behind the Scandal

Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-467-6

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Paris

Era um dos homens mais bonitos que Zoe Collins alguma vez vira e destacava-se quando estava rodeada de alguns dos homens e mulheres mais perfeitos, fisicamente, num dos desfiles mais esperados da Semana da Moda de Paris.

Além disso, estava na primeira fila e isso indicava que tinha de ser alguém importante.

Observava-o fixamente e desviou o olhar à volta da sala imensa de baile que se transformara num bosque de conto de fadas com árvores na passarela. O ar cheirava aos perfumes exclusivos das centenas de convidados que andavam de um lado para outro enquanto esperavam que o desfile começasse.

Ainda tinha o coração acelerado devido ao que acabara de fazer.

Estivera fora do Grand Palais a tirar fotografias dos *influencers* que iam entrando quando vira, por acaso, que um dos empregados do *catering* saía para fumar um cigarro. Depois, quando voltara para dentro, deixara a porta entreaberta e ela aproveitara.

Sabia que, se conseguisse entrar no espaço dos fotógrafos oficiais, poderia tentar convencê-los de que era um deles. Mesmo que não fosse, pois era uma fotógrafa autodidata e não conseguia uma acreditação. De facto, já havia alguns fotógrafos que olhavam para ela com receio.

Inclinou-se um pouco para a frente para que o cabelo lhe tapasse a cara e esperou que não se apercebessem de que não tinha o cartão de identificação. Fervia-lhe o sangue de emoção. Nunca estivera num desfile de moda e sempre tivera o sonho de poder vê-lo de tão perto, como tivera o sonho de se transformar numa fotógrafa de moda. Evadira-se com as revistas desde que se lembrava e analisara, durante horas, o trabalho que faziam os melhores fotógrafos, redatores e estilistas.

No entanto, entrar num setor muito fechado era praticamente impossível se não tivesse contactos ou experiência.

Sabia que não podia chamar a atenção, mas também não pôde evitar olhar outra vez para aquele homem. O coração acelerou assim que o viu.

Apercebeu-se de que não era só bonito. Tinha algo impenetrável. Não estava a falar com ninguém e também não olhava para ninguém, só olhava para o telemóvel de vez em quando. Parecia relaxado e alerta ao mesmo tempo. Interessado sem mostrar interesse, distante.

Supôs que era alto a julgar por como dominava o espaço que o rodeava. Tinha umas costas muito largas, a cintura estreita e o cabelo muito curto e escuro.

Os seus traços fizeram com que levantasse a máquina fotográfica e o focasse quase sem se aperceber do que fazia. O coração parou devido ao que viu pela objetiva. De perto, era impressionante. Tinha as maçãs do rosto proeminentes e os olhos um pouco encovados. A boca era insinuante e tentadora, bem definida e sensual. O queixo era implacável e com uma barba incipiente que o realçava.

A pele era ligeiramente morena...

Então, virou a cabeça e os seus olhos encontraram-se diretamente com os dela através da máquina fotográfica. Ficou gelada. Tinha uns olhos hipnóticos. Eram cinzentos, frios, céticos, reservados...

Instintivamente, tirou a fotografia e imortalizou o seu rosto para sempre.

Houve uma agitação antes de conseguir afastar a máquina. Agarraram-na pelo jaquetão e tiraram-na da zona dos fotógrafos.

- Quem é e porque está a tirar-me fotografias?

Zoe, atordoada, apercebeu-se de que a sua voz era como todo ele: profunda, autoritária e com um sotaque estrangeiro. Também era mais alto do que imaginara. Mediria um metro e noventa e ela media pouco mais de um metro e sessenta. Mesmo assim, observou-a de cima a baixo.

- Quem é? Onde está a sua acreditação?

- Eu... - Hesitou e desapareceu toda a ousadia que a levava até ali. - Não tenho...

Ouviu que os outros fotógrafos murmuravam alguma coisa e ficou vermelha.

- Lamento - continuou Zoe. - Vi uma porta aberta e...

- Pensou que podia entrar ilegalmente?

- Bom... Isso é um pouco... exagerado, não é? - balbuciou ela.

Agarrou-a por um braço, tirou-a da zona dos fotógrafos e levou-a para a entrada principal. Ardia-lhe a cara de humilhação. Quem é que aquele homem que agia com essa autoridade achava que era? Entrar num desfile de moda não era um crime assim tão grave...

Via que as pessoas afastavam as pernas enquanto passavam e também viu o rosto de alguns famosos com ares de espanto enquanto a levavam de rastos.

Soltou-se quando chegaram à porta principal. Uns guardas aproximavam-se, mas o homem levantou uma mão e pararam.

Observou-o, ficou com falta de ar e sentiu uma descarga de adrenalina e de outra coisa, de algo que se parecia fastidiosamente com a excitação.

- Quem é? - perguntou ela, esfregando o braço, embora não a tivesse magoado.

Ele não respondeu, limitou-se a levantar-lhe a máquina fotográfica por cima da cabeça antes de conseguir impedi-lo. Reagiu e tentou recuperá-la.

- É a minha máquina! Não pode...

Uma mão no topo do peito parou-a e calou-a.

Olhou para ele com impotência enquanto manipulava a máquina com destreza e começava a ver as fotografias, certamente, para encontrar a dele e as que tirara lá fora.

Agarrou na máquina com força e afastou a outra mão do seu peito.

- Vou ficar com ela. Podes ir.

- Não pode ficar com a minha máquina - replicou Zoe, que ficara gelada -, é minha...

Era o que mais adorava. Era do pai e estivera sempre com ela desde aquele atroz...

Continuou a falar precipitadamente para sufocar essas lembranças tão inoportunas.

- É do serviço de segurança? Pode apagar todas as fotografias se quiser, tanto faz, mas, por favor, devolva-me a máquina.

Zoe esticou uma mão trémula por causa do pânico.

- Não sabe quem sou? - perguntou ele, incrédulo.

Observou-o. Não estava muito a par dos famosos do espetáculo ou das revistas de mexericos, mas estava quase certa de que não era um ator nem um cantor. Embora lhe parecesse remotamente conhecido. Talvez fosse um modelo. Certamente, poderia sê-lo. Embora tivesse algo altivo, como se não pudesse rebaixar-se a posar para que lhe tirassem uma fotografia.

- Não é do serviço de segurança?

- Sou o Maks Marchetti.

Observou-a e ela ficou espantada.

- O Maks Marchetti...

- Não conhece o Grupo Marchetti? - continuou ele, arqueando uma sobrancelha. - Somos os donos da casa de moda em que entraste.

Ela sentiu que ia ficando pálida.

- Sei quem é.

Não o reconhecera porque era o mais fugidio dos três irmãos Marchetti, que tinham herdado a empresa do pai depois de ele morrer.

O Grupo Marchetti sempre fora muito exclusivo, mas era ainda mais desde o falecimento do patriarca. Eram donos de todas as marcas importantes e, se não eram, estavam a fazer o possível para ser.

Aquele homem era um Marchetti e isso queria dizer que poderia comprar ou vender a todos os que estavam na sala.

Ouviu música e supôs que o desfile estava a começar. Aquele olhar cinzento era enervante. Parecia que não se importava de estar a perder o princípio e ela lembrou-se desse ar distante que vira nele.

- Não devia estar lá dentro? Se me devolver a máquina, posso ir-me embora e não voltará a ver-me.

Maks olhou para a mulher que tinha à sua frente e impressionou-o mais do que estava disposto a reconhecer. Era normal, magra e bela, mas tinha algo que chamara a sua atenção quando vira a máquina fotográfica a apontar diretamente para ele.

Tinha um cabelo loiro, da cor do mel, que lhe chegava até aos ombros, umas sobrancelhas delicadas e o nariz reto. Os olhos eram de um tom azul-esverdeado arrebatador, lindos.

Mais do que lindos.

No entanto, tinha uma cicatriz, uma marca no lábio superior. Também tinha outra cicatriz que ia desde uma maçã do rosto até à linha do cabelo e que lhe causava curiosidade.

Como se tivesse reparado que olhava para ela, inclinou a cabeça e o cabelo caiu para a frente, tapando-lhe a cara.

- É de má educação olhar fixamente.

Maks teve de conter a vontade de lhe levantar o queixo para a ver bem. Era uma desconhecida.

- Também é de má educação entrar sem ser convidado.

Ela voltou a levantar a cabeça com um brilho verde nos olhos. As pestanas eram compridas e não usava maquilhagem, mas a cútis era impecável... para além das cicatrizes. Era branca com um tom rosado leve e fez com que se interrogasse como seria quando estivesse dominada pela paixão. Os seus olhos seriam de um verde-escuro quando estivesse excitada? As suas faces corariam mais?

Sentiu uma pontada de desejo. Era bonita de uma forma que se apoderava dele, que vivia num mundo que elogiava tanto a beleza que chegara a habituar-se. Ela, no entanto, tinha uma beleza que nunca vira. Cativante e despretensiosa.

Podia saber-se o que estava a acontecer?

- Vai-te embora e não te denunciarei por entrada ilegal. Não permitimos *paparazzi* nos nossos desfiles - acrescentou Maks.

Ela abriu a boca e ele reparou nos seus lábios carnudos, antes de olhar outra vez para a cicatriz intrigante.

- Não sou um *paparazzo*.

Endireitara-se e todo o corpo vibrava como se estivesse indignada. Maks teve de conceder que era uma boa atriz, mas também conteve a vontade de a observar mais atentamente. Bulia-lhe o sangue inequivocamente e não gostava dessa distração... ou atração.

- Bom, entraste num dos desfiles mais esperados da temporada e com uma lista de convidados inigualável. É normal que suspeite um pouco, mas, em qualquer caso, isto não admite discussão.

Maks Marchetti olhou por cima da sua cabeça e fez um gesto. Zoe virou-se e viu dois seguranças musculados que

se aproximavam dela.

- Por favor, não ia fazer nada de mal, não sou um *paparazzo*.

- Por favor, acompanhem esta jovem e façam com que nunca mais volte a entrar noutro desfile.

Zoe ficou boquiaberta quando duas mãos a agarraram pelos braços firme e delicadamente ao mesmo tempo. Olhou para Marchetti com o sobrolho franzido. Como pudera pensar que era atraente? Era frio e desumano.

- Está mesmo a vetar-me?

Já não entraria, mesmo que tivesse uma acreditação. Os seus sonhos de entrar no nível mais baixo da fotografia de moda estavam a desaparecer.

Os guardas iam levá-la quando viu a máquina que pendia de uma mão de Marchetti.

- E a minha máquina?

- Perdeu-a quando entrou sem autorização. Adeus e espero que não voltemos a ver-nos, para o seu bem.

Não conhecia esse homem e passara, numa questão de segundos, de lhe parecer impressionante a odiá-lo, mas, mesmo assim, não conseguia parar de olhar para ele.

Além disso, e o que era pior, magoava-a que tivesse dito que esperava que não voltassem a ver-se.

- Muito bem, e para que conste, senhor Marchetti, é o último homem à face da terra que gostaria de voltar a ver.

Ele levantou uma mão, a que segurava a máquina e esboçou um sorriso.

- *Ciao*.

Ficou a olhar para os guardas que a levavam e, depois, desapareciam. Era um disparate, mas, por um instante, quase fora atrás deles para que a soltassem.

O que teria feito? Observá-la um pouco mais?

Abanou a cabeça e voltou para dentro.

Viu o desfile do fundo da sala e quase nem se apercebeu da ovação. Além disso, embora tivesse visto algumas das

mulheres mais bonitas do mundo a desfilarem pela passarela, não conseguia esquecer uns olhos esverdeados.

No entanto, ficou perplexo quando se apercebeu de que nem sequer lhe perguntara o seu nome. Alterara-o. Franziu o sobrolho. Embora se certificasse de que não voltava a entrar, não queria mais alterações como aquela.

Olhou para a máquina que tinha na mão. Era uma Nikon antiga, de há uns vinte anos, e um pouco maltratada. Viu um caixote do lixo e soube que deveria deitá-la fora e esquecer o que acontecera, pois nunca mais voltaria a vê-la.

Algumas horas mais tarde, Zoe olhava pensativamente pela janela do comboio que a levava a Londres. Era o princípio do outono e o tempo estava ensolarado em Paris, mas o céu de Londres estava plúmbeo e fazia muito pouco para a animar. Cada vez que pensava em Maks Marchetti com um sorriso brincalhão e a dizer «*ciao*» com a máquina fotográfica na mão, tinha vontade de gritar ou chorar.

Para seu espanto, sentiu que os olhos ardiam com lágrimas. Como era possível que tivesse perdido a máquina fotográfica do pai? Certamente, já estaria no lixo com as fotografias apagadas e o cartão de memória destruído.

Sem querer, tocou na cicatriz do lábio. Tinha as cicatrizes por causa da máquina. Há dezassete anos, quando tinham tido o acidente de viação em que os pais e o irmão mais novo tinham morrido, ela tinha oito anos e Ben, cinco. Os pais estavam na plenitude da vida.

Ela tinha a máquina fotográfica nas mãos e o pai virara-se para lhe dizer para ter cuidado. Então... o mundo saltou pelos ares entre o fogo e a dor e a sua vida mudou da noite para o dia. Transformou-se numa órfã.

Tirou a mão da boca e fechou os olhos com força como se, assim, pudesse bloquear essas lembranças.

Abriu os olhos outra vez e sufocou todos os sentimentos. Só ela tinha a culpa de ter perdido a máquina do pai. Não devia ter sido tão impulsiva.

Sentiu um calafrio quando se lembrou daquele homem, Maks Marchetti. Fora muito... intenso, avassalador. Tinha de reconhecer que, apesar da tensão da situação, se sentira viva.

Olhara para as cicatrizes dela. Todos o faziam. Costumavam esbugalhar os olhos e, depois, semicerrá-los, antes de olhar para ela para verificar se percebera. Depois, chegava o sorriso de arrependimento e vergonha.

Sabia que era sortuda porque as cicatrizes não a desfiguravam, mas, quando Maks Marchetti as vira, não tivera a sensação de indiscrição que costumava sentir. Inclinar a cabeça porque, inquietantemente, sentira outra coisa... emoção.

Ficou gelada. Era a mesma emoção que a levava a confiar em alguém que traía a sua confiança, que quase fizera pior do que trair a sua confiança.

O comboio desacelerou. Zoe alegrou-se ao ver que se aproximava da estação.

Já não era tão ingênua como antes. Se um homem a alterava, era duplamente cautelosa porque sabia muito bem que a atração ou o desejo podiam distorcer a realidade até ser demasiado tarde.

O comboio parou na estação de St. Pancras, mas não pôde evitar interrogar-se porque tinha essa sensação de perda devido à ideia não voltar a ver Maks Marchetti.

Era absurdo. Nesse momento, o mais provável era que ele estivesse a sair de alguma festa muito glamorosa enquanto ela se dirigia para o labirinto suburbano para voltar ao seu apartamento minúsculo no leste de Londres.

Já aprendera a lição de entrar num mundo que não lhe abria as portas. A verdade era que a sua paixão pela fotografia era apenas um passatempo, um passatempo que lhe dava problemas. A possibilidade de ser outra coisa

estava mais longe do que nunca e, enquanto isso, tinha de ganhar a vida.

Duas semanas depois, Londres

Doíam-lhe os braços, mas doía-lhe mais a cara por causa do sorriso falso. A bandeja esvaziava-se e voltava a encher-se enquanto dava taças de champanhe à flor e nata dos mais bonitos e famosos de Londres.

Como se fosse uma ironia do destino, a empresa de *catering* em que trabalhava a tempo parcial estava a servir num evento relacionado com a moda, na apresentação do novo estilista chefe de uma casa de moda que se celebrava na loja mais emblemática da rua Bond... e, naturalmente, era do Grupo Marchetti.

Sentiu um formigueiro na nuca. Atribuiu-o a ter o cabelo apanhado por causa das exigências do trabalho.

Não podia ser tão paranoica. Maks Marchetti estava em Paris e era muito improvável que fosse a todos os eventos que o grupo organizava.

Apagou essa ideia da cabeça e virou-se com a esperança de que a bandeja se aliviasse em breve. Então, o sangue gelou quando viu alguém que estava do outro lado da sala. Era um homem alto, de costas largas e com o cabelo curto e loiro-escuro. Usava um fato cinzento e uma camisa branca com dois botões abertos. Segurava despreocupadamente uma taça de champanhe semivazia e tinha a cabeça inclinada para uma mulher escultural, alta e ruiva que usava um vestido verde e muito curto que mostrava as pernas mais compridas que ela alguma vez vira.

Era ele.

Levantou a cabeça como se tivesse percebido que o observava e esses olhos cinzentos fixaram-se nos dela antes

de conseguir mexer-se. Semicerrou os olhos enquanto a reconhecia e mostrava uma expressão gélida.

Quase pôde ler os seus lábios, que lhe perguntavam o que fazia ali. Disse alguma coisa à outra mulher. Sem parar de olhar para ela, pousou a taça de champanhe numa mesa e aproximou-se.

Não conseguia mexer-se, sentia-se atordoada. Ficou à frente dela. Conseguira convencer-se, durante essas duas semanas, de que não podia ser tão bonito como o recordava, mas era.

- Como entraste aqui?
- Trabalho na Stellar Events.
- Conta isso a outro - replicou ele.

Maks agarrou na bandeja e as taças balançaram perigosamente. Zoe reagiu finalmente.

- Um momento! Estou a trabalhar.
- Não acredito. Dá-me a bandeja e desaparece.
- Não, estou a fazer o meu trabalho. Não pode expulsar-me sempre que me vê.

Ela puxou a bandeja, tropeçou para trás e perdeu o equilíbrio. Então, como em câmara lenta, a bandeja, com uma dúzia de taças cheias, caiu-lhe em cima, antes de cair contra o chão de cimento.

Fez-se um silêncio sepulcral enquanto se levantava com a camisa encharcada e a cara suja.

Olhou fixamente para Maks Marchetti, que tinha uma expressão sombria, houve uma agitação perto deles e o seu chefe apareceu, com a cara tão vermelha que parecia que ia explodir.

Zoe tapou o peito com a bandeja como se fosse um escudo.

- Steven, lamento muito...
- Cala-te. Limpa tudo isto e, depois, vem à cozinha.

Fez um gesto a outro empregado que ela não conhecia e aproximou-se apressadamente com uma vassoura e uma pá. Alguém também trouxe umas toalhas de papel.